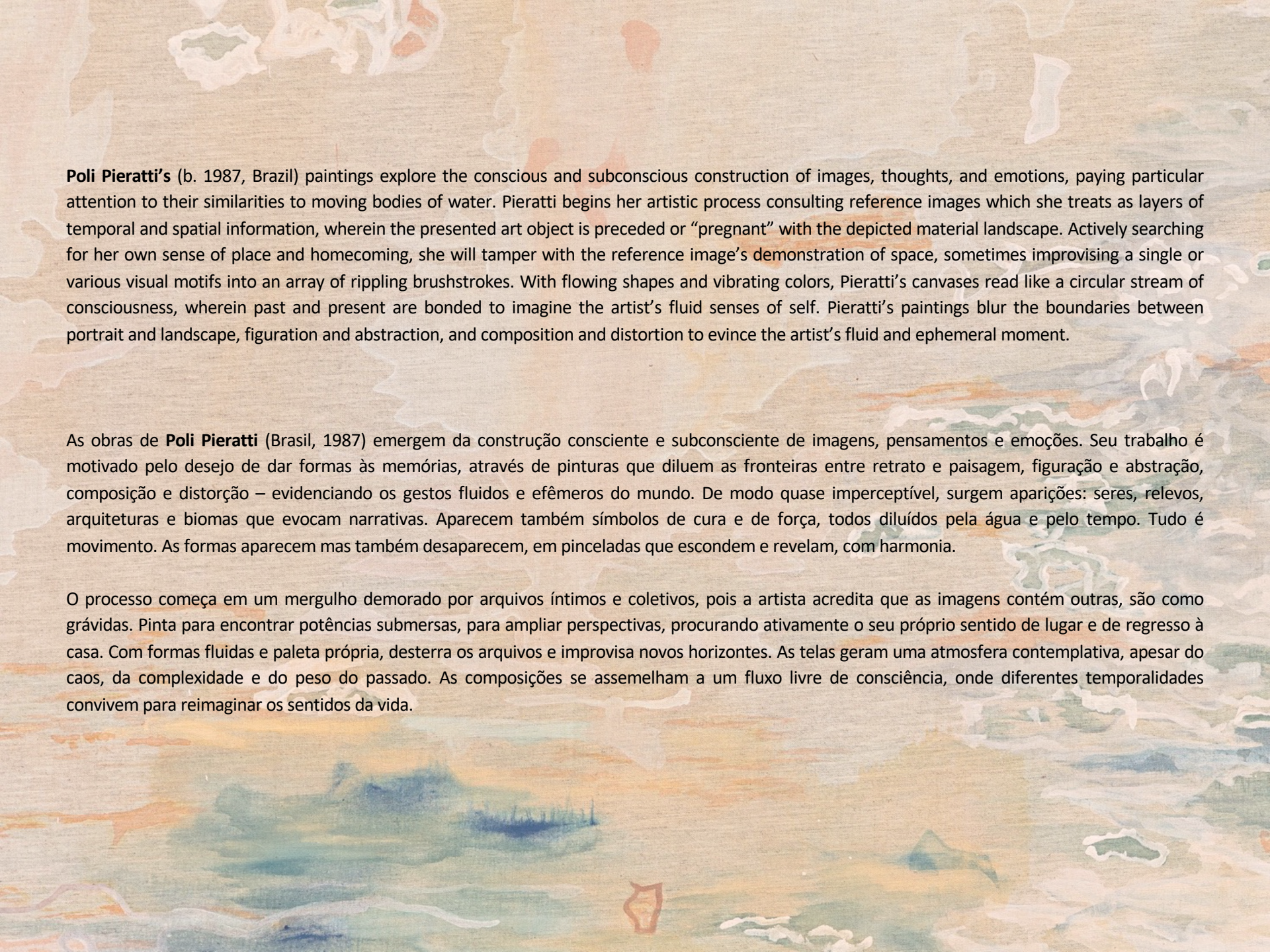


The background of the page is an abstract painting by Poli Pieratti. It features a complex, layered composition with a palette of earthy tones including beige, ochre, and light brown, interspersed with cooler hues of pale blue, green, and white. The brushwork is visible and expressive, creating a sense of movement and depth. The overall effect is one of a fluid, evolving landscape or perhaps a map of memory, with various shapes and textures that invite the viewer to explore and interpret. The painting's style is characteristic of Pieratti's work, which often blurs the boundaries between different visual genres.

Poli Pieratti's (b. 1987, Brazil) paintings explore the conscious and subconscious construction of images, thoughts, and emotions, paying particular attention to their similarities to moving bodies of water. Pieratti begins her artistic process consulting reference images which she treats as layers of temporal and spatial information, wherein the presented art object is preceded or “pregnant” with the depicted material landscape. Actively searching for her own sense of place and homecoming, she will tamper with the reference image’s demonstration of space, sometimes improvising a single or various visual motifs into an array of rippling brushstrokes. With flowing shapes and vibrating colors, Pieratti’s canvases read like a circular stream of consciousness, wherein past and present are bonded to imagine the artist’s fluid senses of self. Pieratti’s paintings blur the boundaries between portrait and landscape, figuration and abstraction, and composition and distortion to evince the artist’s fluid and ephemeral moment.

As obras de **Poli Pieratti** (Brasil, 1987) emergem da construção consciente e subconsciente de imagens, pensamentos e emoções. Seu trabalho é motivado pelo desejo de dar formas às memórias, através de pinturas que diluem as fronteiras entre retrato e paisagem, figuração e abstração, composição e distorção – evidenciando os gestos fluidos e efêmeros do mundo. De modo quase imperceptível, surgem aparições: seres, relevos, arquiteturas e biomas que evocam narrativas. Aparecem também símbolos de cura e de força, todos diluídos pela água e pelo tempo. Tudo é movimento. As formas aparecem mas também desaparecem, em pinceladas que escondem e revelam, com harmonia.

O processo começa em um mergulho demorado por arquivos íntimos e coletivos, pois a artista acredita que as imagens contém outras, são como grávidas. Pinta para encontrar potências submersas, para ampliar perspectivas, procurando ativamente o seu próprio sentido de lugar e de regresso à casa. Com formas fluidas e paleta própria, desterra os arquivos e improvisa novos horizontes. As telas geram uma atmosfera contemplativa, apesar do caos, da complexidade e do peso do passado. As composições se assemelham a um fluxo livre de consciência, onde diferentes temporalidades convivem para reimaginar os sentidos da vida.